

I. MUSEOLOGIA E MUSEUS: COMO IMPLANTAR AS NOVAS TENDÊNCIAS¹

“Em cada época marcante da sua história, a sociedade brasileira tem sido levada a pensar-se novamente. É como se ela se debruçasse sobre si mesma: curiosa, inquieta, atônita, imaginosa. Não só formulam-se novas interpretações como renovam-se as anteriores. Podem mesmo recriar-se idéias antigas, parecendo novas. O Brasil já foi pensando de modo particularmente abrangente em três épocas. A partir da Declaração de Independência de 1822, da Abolição da Escravatura e da República em 1888-1889 e da Revolução de 1930. Naturalmente é contínua e reiterada a reflexão sobre aspectos fundamentais e secundários da sociedade nacional. As controvérsias entre grupos, classes, movimentos sociais, partidos políticos e correntes de opinião pública, compreendendo intelectuais, artistas e líderes, mantêm sempre em aberto os dilemas do presente, das relações entre o passado e o presente, das possibilidades do futuro”.

Otávio Ianni

As controvérsias contemporâneas que têm assolado a sociedade brasileira não dispensam a discussão sobre o equilíbrio entre a preservação do patrimônio (especialmente o meio ambiente) e o desenvolvimento sócio-econômico. Em qualquer ângulo de observação esta questão está colocada e, muitas vezes, tem sido vista como o ponto fundamental para a chegada ao futuro.

Embora em esfera pouco abrangente, os museus têm sido alvo dessas controvérsias, pois em muitos momentos da trajetória brasileira essas instituições também contribuíram para o “repensar” da

¹ Este ensaio foi preparado para a Primeira Reunião Regional do ICOFOM-LAM (Grupo Regional do Comitê para Museologia do Conselho Internacional de Museus), que teve como tema gerador as relações da museologia como patrimônio integral, realizada em Buenos Aires (Argentina), 1992.

nação, na medida em que têm servido de polo preservador e irradiador da nossa cultura.

Os problemas atuais ligados à “preservação ambiental”, “políticas ecológicas”, “patrimônio integral”, e “biodiversidade”, etc., têm sido cada vez mais constantes nos debates museológicos brasileiros. É evidente que é reflexo de uma tendência internacional, que já experimentou e confirmou que o espaço museal não está apenas circunscrito a quatro paredes preenchidas por objetos e nem o processo de musealização se restringe à exposição de coleções para uma elite.

Embora a bibliografia aponte experiências museológicas no âmbito dessas tendências, desde os anos 30, constata-se que muitos museus brasileiros ainda têm dificuldades em executar as tarefas básicas (consideradas tradicionais) do processo curatorial (compreendido como o conjunto sistêmico que vai da coleta à comunicação do objeto), por razões que já foram amplamente discutidas em diversos eventos. Essas mesmas razões têm contribuído para que a Museologia não seja aceita amplamente pela comunidade científica brasileira, pois faltam cursos de formação, reuniões científicas, periódicos especializados, mas, sobretudo, “espaço e tempo” para realizar e sistematizar os experimentos museais.

Pensar e realizar processos museológicos, levando em consideração o conceito de “patrimônio integral”, mesmo que seja tarefa contemporânea, impõe uma profunda reflexão sobre três pontos fundamentais: - metodologia de trabalho

- formação profissional
- política preservacionista

Considero que esta Primeira Reunião Regional do ICOFOM-LAM deveria abordar estas questões, acreditando que a discussão setorializada e regionalizada é o caminho ideal para a continuidade dos trabalhos do ICOFOM.

Diversos autores aceitam que a Museologia está se estruturando enquanto área do conhecimento, na medida em que procura compreender, teorizar e sistematizar a especificidade da relação entre o Homem (elemento de uma sociedade), e o Objeto

(parte de uma coleção e fragmento do patrimônio), em um Cenário (instituição historicamente conhecida). Para tanto, vem sendo ensinada (nas universidades) e aplicada (nos museus) a partir das variáveis: coleta, documentação, conservação, exposição e educação. Os métodos de trabalho têm levado em consideração essas variáveis, nas mais diferentes composições, relacionadas aos mais díspares fragmentos do patrimônio e dirigidas para as diversas sociedades.

Muitas questões têm contribuído para aprimorar esses estudos, como por exemplo: um novo sentido do objeto utilitário, industrializado e descartável; as interfaces de um trabalho interdisciplinar nos museus; o respeito às diferenças culturais, entre outras. A superação dessas questões tem consolidado lentamente a museologia, como também tem preservado o espaço do museu nos dias de hoje. No entanto, é ainda evidente que os museus trabalham com “fragmentos” do patrimônio, para “parcelas” da sociedade. A experiência humana tem sido resgatada pelas instituições museológicas de forma parcial e é dessa maneira que o “conhecimento museológico” esta se consolidando.

Considerar, entretanto, o “patrimônio integral” como foco de análise e interação da museologia (ou nova museologia) significa ampliar substancialmente os conceitos de “Homem”, “Objeto” e “Cenário” e, portanto, alterar consideravelmente os métodos de trabalho aplicados no exercício museológico. É atribuir à museologia uma possibilidade enorme de interferência no tecido social.

Ressalta-se, então, a necessidade de precisar sob quais variáveis o “processo museológico”, que tem como objeto de atenção o “patrimônio integral”, vai se articular. O que deve substituir o colecionismo do ponto de vista conceitual? Quais os sistemas documentais que devem ser implantados nesta nova concepção de patrimônio musealizável? A exposição ainda é o eixo de comunicação entre o museu e o público? Se a categoria público for substituída pela sociedade, quais os meios de avaliação que poderão ser implantados para o melhor conhecimento de suas expectativas?

Essas são algumas inquietações que afloram quando pensamos no problema metodológico e devem ser discutidas por

aqueles que pretendem abordar o “patrimônio integral” como condição para o desenvolvimento da Museologia. Da mesma forma é preocupante a questão da formação profissional, especialmente dos museólogos.

São reconhecidas as mudanças que os Cursos de Museologia do Brasil têm sofrido e são louváveis, tanto a importante contribuição de inúmeras gerações de precursores, quanto as experimentações do ponto de vista de novos currículos e novas estruturas, mas, sem dúvida, estão longe de atender às necessidades de formação para profissionais que pretendem interagir com o patrimônio integral. E qual deve ser realmente a formação desse profissional?

É também evidente que a multiplicidade de fatores que se cruzam, em um trabalho integral sobre o patrimônio, revela a necessidade imperiosa da interdisciplinaridade. Quais seriam, então, as especificidades do museólogo e qual a sua real interferência? Como coexistir no âmbito de uma discussão científica com outras áreas de conhecimento consagradas há séculos?

Imputar à museologia essa amplitude de abrangência significa, também, colocá-la no centro das discussões políticas que têm utilizado a bandeira preservacionista para camuflar outros interesses e não têm dado a devida atenção para as reais questões da sociedade brasileira. Como impedir que museus sirvam de desagravo para devastação do patrimônio?

As reflexões apresentadas revelam, acima de tudo, que a mudança é fundamental, pois existe a consciência (mesmo que embrionária) de que o “museu tradicional” não atende mais às necessidades de uma sociedade bombardeada dia e noite por diferentes estímulos.

Salienta-se, no entanto, que esta mudança tem que ser amparada em ampla e sistemática discussão e essa, por sua vez, baseada em constante experimentação museal.

Abandonar o colecionismo significa um real repensar. Estimulante, mas difícil, na atual sociedade brasileira.

Considero que esta é a tarefa do ICOFOM e cabe ao ICOFOM-LAM infiltrar-se nesse debate, através do olhar latino-

americano, que apontará, sem dúvida, contradições provenientes de processos equivocados de colonização e de um progressivo alijamento dos centros de poder. Esta tarefa poderia ser iniciada, por exemplo, pela inserção no âmbito do ICOM da produção acadêmica realizada no Brasil, quase inexistente no Centro de Documentação, localizado na sede central em Paris.

Percebe-se, então, que a discussão sobre “museu, meio ambiente e sociedade” deve estar pautada por questões ligadas aos métodos de trabalho e à formação profissional, atravessadas pelas diferentes situações sócio-políticas das diversas sociedades.

As experiências “alternativas” realizadas no Brasil poderão contribuir para essa discussão (desde que levadas em consideração), pois como afirma Otávio Ianni, somos uma sociedade “curiosa, inquieta, atônita e imaginosa” e, sempre disposta às mudanças. Sabemos, no entanto, que não adianta fugir para o futuro.

Bibliografia Citada

IANNI, Otávio. Idéia de Brasil moderno. **Resgate**, Campinas, n.1, p.19, 1990.